



Ano I Nº 230

19 Abril 2007

Índice

Greve contra a Delphi na Espanha	01
Trabalhadores da GM Belga entram em greve	02
UAW se opõe à venda da Chrysler	02
Campanha contra o TLC Estados Unidos - Coreia	02
Fusão Internacional de Sindicatos	03
COSATU quer renuncia de Wolfowitz	04

INTERNACIONAL

Greve contra a Delphi na Espanha

Os trabalhadores do sul da Espanha entraram em greve nesta quarta-feira para protestar contra o fechamento da unidade de produção de peças da multinacional americana na região, que acarretaria o desemprego de 1.000 trabalhadores.

Os sindicatos informaram que os trabalhadores de 14 cidades na região costeira de Cádiz fizeram um dia de greve em solidariedade aos seus colegas da fábrica da Delphi em Puerto Real. Além disso, o serviço de ônibus parou e muitas outras fábricas e estabelecimentos comerciais fecharam.

Portando cartazes e faixas cerca de 300 trabalhadores protestaram em frente da representação do Ministério do Interior em Cádiz cantando e entoando suas palavras de ordem, pedindo a intervenção do governo.

Em outras cidades esses protestos aconteceram em frente às sedes das prefeituras municipais. Para as Comissões Obreras participaram, mais de 300 mil pessoas desses protestos.



Para os sindicatos o fechamento da fábrica que produz amortecedores e suspensões vai trazer a miséria para mais de 4 mil pessoas que dependem dos 1.500 empregos.

Desde que a Delphi anunciou em março o fechamento da planta, os trabalhadores vêm fazendo paralisações de quatro horas todas as terças e quintas-feiras.

Segundo a Delphi, as operações em Puerto Real causaram um prejuízo de 150 milhões de euros nos últimos cinco anos. A empresa, uma antiga subsidiária da GM pediu falência em 2005.

O Comitê Europeu da Delphi manifestou seu apoio incondicional aos trabalhadores da empresa em Puerto Real, lembrando que em 2005 ela subscreveu um acordo com os sindicatos e as autoridades trabalhistas comprometendo-se a manter os postos de trabalho até 31 de dezembro de 2010. Apesar desse acordo a Delphi ... anuncia no mês de fevereiro a sua intenção de fechar a planta espanhola e de despedir os seus 1600 trabalhadores".

Os integrantes do Comitê reunidos na Hungria terminam seu comunicado: "Exigimos da Delphi o cumprimento do Plano Industrial assinado e a manutenção da atividade e do emprego em Cádiz. (AFP e Fm CC.OO., 18 de abril de 2007)

Trabalhadores da GM Belga entram em greve

Os trabalhadores da planta da General Motors em Antuérpia, na Bélgica, cruzaram os braços nesta quarta-feira para protestar contra os planos da empresa de adiar a produção do modelo Astra no País e dispensar 1.400 trabalhadores.

A paralisação se estendeu pelo dia inteiro e se iniciou depois do anúncio no dia anterior na Alemanha, que a GM não faria o modelo compacto do Astra antes de 2010.

Os sindicatos, regional e nacional, emitiram um comunicado conjunto no qual se dizem desapontados com a decisão da empresa, notando "os numerosos esforços feitos nos anos recentes para tornar esta [Antuérpia] planta em uma das de melhor resultados na Europa".

A empresa disse que não existem planos concretos de fechar a fábrica no momento – ela emprega 5.100 trabalhadores. O adiamento resultaria na dispensa de 1.400 trabalhadores. A empresa disse que vai se empenhar em buscar alternativas de modelos para manter a planta de Antuérpia com sua força de trabalho.

UAW se opõe à venda da Chrysler

O sindicato americano UAW, que inclui trabalhadores do setor automobilístico, é contra a eventual ruptura da DaimlerChrysler e fará tudo o que for possível para impedi-la, indicou nesta quarta-feira o diretor da organização, Ron Gettelfinger. "Vamos fazer o melhor possível para manter a Chrysler na DaimlerChrysler", declarou, em entrevista à imprensa. Várias empresas estão de olho na Chrysler, que atravessa momento difícil.

"Acredito sinceramente que há muito valor a ser conservado num grupo como este", acrescentou o diretor do UAW, que se manifestou pela primeira vez desde que a DaimlerChrysler anunciou, em fevereiro, sua intenção de explorar diversas opções para a Chrysler.

Entre os interessados estão o investidor Kirk Kerkorian, a canadense de autopeças Magna e vários fundos de investimentos. (AFP) (*O Estado de Minas*, 19.04.2007)

Campanha contra o TLC Estados Unidos - Coréia

O sindicato dos trabalhadores automotivos dos Estados Unidos, o UAW, lançou uma campanha contra o Tratado de Livre Comércio com a Coréia do Sul. Segundo o comunicado que lançou a campanha, o sindicato "opõe-se frontalmente ao novo tratado de livre comércio porque ele coloca em risco milhares de empregos automotivos nos Estados Unidos e falha em incluir proteções significativas para os direitos dos trabalhadores".

A Coréia exportou 554 mil veículos para os Estados Unidos em 2006, enquanto que o país exportou apenas 4 mil para a Coréia. Como resultado disso, os EUA tem um déficit de US\$ 11 bilhões no comércio automotivo com a Coréia.

Segundo o sindicato, "este novo acordo comercial eliminaria de imediato a tarifa americana sobre os automóveis e autopeças importadas da Coréia, e diminuiria num prazo de 10 anos a tarifa atual de 25% sobre pickups. Isso traria uma invasão de importações automotivas da Coréia. Como resultado, o governo coreano prevê um crescimento de US\$ 1 bilhão em seu superávit com os Estados Unidos".

Para o UAW, "o acordo falha em lidar adequadamente com as barreiras não-tarifárias coreanas, sem qualquer garantia de qualquer acesso, mensurável e concreto, ao mercado coreano." O sindicato dá os exemplos do NAFTA e do CAFTA, e argumenta que como eles, o acordo vai "encorajar uma corrida para o abismo que enfraquecerá os direitos e baixará o nível de vida dos trabalhadores nos Estados Unidos, Coréia e em outros países".

Fusão Internacional de Sindicatos

Sindicatos planejam fusão internacional para fortalecer luta dos trabalhadores

Para contrabalançar a força das empresas globalizadas, os maiores sindicatos de trabalhadores da indústria dos EUA e do Reino Unido adotarão a globalização sindical com a assinatura de um acordo para a primeira fusão sindical em nível internacional.

O United Steelworkers (USW), sediado em Pittsburgh, no Estado americano da Pensilvânia - maior sindicato industrial da América do Norte - e o britânico Amicus - o maior dos setores industrial e de serviços do Reino Unido -, com sede em Londres, já mantêm uma aliança estratégica, mas planejam aprofundar seus laços criando uma entidade global que teria quase 3,4 milhões de filiados entre EUA, Canadá, Reino Unido e Irlanda.

Além da USW e Amicus, o Transportation & General Workers Union (T&GWU), também do Reino Unido e que representa os trabalhadores do setor de transportes participa do acordo. O T&GWU fez um acordo de fusão com a Amicus e a partir de 1º de maio deste ano os dois sindicatos ingleses agregarão mais de 2 milhões de trabalhadores e passará a se chamar 'Unite'.

A expectativa é que os dois assinem hoje o novo acordo durante a 50ª Conferência Nacional do USW em Ottawa, Canadá.

'O acordo vai definir um processo que nos levará na direção de um sindicato global', declarou o porta-voz do USW, Wayne Ranick. 'Exatamente o que será esse acordo é algo que será trabalhado.'

O secretário-geral do Amicus, Derek Simpsons, já disse que a criação de um único grupo ajudaria trabalhadores a lidarem com multinacionais que, segundo ele, 'jogam países e força de trabalho uns contra os outros' na disputa por investimentos e emprego.

Na prática, o sindicato poderia mobilizar mais facilmente trabalhadores de uma empresa com filiais em diversos países, promovendo campanhas, manifestações e greves conjuntas. A entidade global teria, assim, mais força para negociar com uma empresa global.

Sindicatos, assim como federações e confederações sindicais, já interagem além das fronteiras. O próprio USW já teve o apoio de filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Força Sindical em ações contra a Gerdau nos EUA. Sindicalistas mexicanos e australianos também atuaram em campanhas com a USW contra as mineradoras Asarco e Rio Tinto.

'Esses acordos são um começo. Mas é preciso um novo modelo para lidar com o capital global. Senão os sindicatos serão marginalizados com o avanço da globalização', disse ao Valor Jerry Fernandez, do setor de assuntos estratégicos internacionais da USW.

Mas por que um sindicato internacional traria mais resultados aos seus filiados do que alianças ou acordos já em vigor?

'Isso depende muito do tipo de atividade internacional que esses sindicatos queiram levar a diante', avalia Tim Noonan, diretor do Departamento de Campanha e Comunicações da Confederação Sindical Internacional (CSI), com sede em Bruxelas, e que informa ter 168 milhões de membros. 'Caberá às estruturas dos sindicatos avaliar os problemas que enfrentam em nível global e decidir o que fazer.'

Segundo Noonan, uma fusão entre o USW e o Amicus seria algo inédito. A iniciativa, no entanto, 'é um dos exemplos da movimentação sindical em busca de novas formas de contrabalançar o poder das companhias multinacionais'.

Mas a idéia enfrenta de saída uma série de dificuldades. Fernandez lista algumas: diferenças estruturais, culturais e legais. Exemplo: muitos países, entre os quais os EUA, impõem restrições amplas ao direito de greve. Como então congregar trabalhadores dos dois lados do Atlântico a cruzarem os braços se em um dos lados as restrições são muito maiores?

Noonan diz que há um desafio ainda maior. 'A verdadeira questão é como o movimento sindical pode usar sua estrutura internacionais de forma mais eficiente'.

Recentemente, o secretário-geral da CSI, Guy Ryder, falou da necessidade de um 'novo internacionalismo sindical' que reforce o 'potencial do movimento sindical para influenciar as empresas e os eventos globais'. Utopia? Noonan diz que não. 'Já houve progresso, mas ainda há um longo caminho a seguir.'(USW e Valor) (CNM-CUT, 18.04.2007)

COSATU quer renúncia de Wolfowitz no Banco Mundial

A central sindical sul-africana COSATU pediu a renúncia do presidente do Banco Mundial Paul Wolfowitz, “não apenas pelo seu abuso de cargo ao promover e dar um substancial aumento para sua namorada, mas também por suas políticas consistentemente contra a classe operária e contra os pobres”, declarou o porta-voz da entidade Patrick Craven.

Wolfowitz, que visitou recentemente a África do Sul, deixou que Conselho do Banco Mundial ponderasse a questão, mas não pretende renunciar.

De qualquer forma, Craven disse em sua declaração que a corrupta promoção da sua parceira por Wolfowitz, “tipifica a moralidade do sistema capitalista do qual ele é um entusiasta apoiador”.

A maior central sindical da África do Sul notou que na nomeação de Wolfowitz em junho de 2005 ela disse que ele “incorpora todas as piores qualidades das instituições financeiras internacionais – o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Como eles, ele dedica-se ao fortalecimento do poder dos grandes negócios e das corporações multinacionais às expensas dos trabalhadores e dos pobres”.

A central também declarou naquela época que Wolfowitz nada faria para tornar o Banco mais transparente ou atento às necessidades dos países mais pobres do mundo.

Craven disse que o Cosatu endossa o pedido da Confederação Sindical Internacional (CSI) por “adequada transparência e democracia no Banco [Mundial] e no Fundo Monetário Internacional”.

Ele acrescentou que a confederação disse que as duas instituições “estão enfrentando uma crise de legitimidade e devem responder com um aumento da transparência para os países membros e clientes e para o público em geral”.

“O movimento sindical internacional acredita que o valor do Banco Mundial na economia global deve ser o de agir como um líder para garantir os padrões trabalhistas, sociais e ambientais, que deverão ser determinados e implantados através de um processo transparente a de consultas aos governos, sindicatos e outras organizações da sociedade civil e o público”.

Craven repetiu ao secretário geral da CSI, Guy Ryder, dizendo “ Tanto o Banco quanto o Fundo declararam seu compromisso de diminuir a pobreza mundial, e os governos devem se assegurar que isso aconteça”.

Segundo Craven, na visão do Cosatu, isso não acontecerá nunca sob a liderança de Wolfowitz . Em 2005, a confederação endossou as palavras de Joseph Stiglitz, ex-economista chefe do Banco Mundial, de que a nomeação de Joseph Stiglitz era “um ato de provocação” que poderia “trazer protestos de rua e violência no mundo em desenvolvimento”.

Para o Cosatu, o currículo de Wolfowitz como um “falcão” e arquiteto da política dos Estados Unidos de ilegais invasões do Afeganistão e do Iraque, e o seu envolvimento na “reconstrução” do Iraque, “sugere que ele, mais provavelmente, levará o Banco Mundial a ser ainda mais pró-capital e anti-pobre”.

A previsão tornou-se realidade, disse Craven. “Como prevíamos, Wolfowitz continua a advogar mais privatização, rebaixa de tarifas e liberalização do comércio, tudo em favor dos grandes monopólios ocidentais. Ele se opõe à mudanças para proteger as economias pobres ou para salvaguardar o meio-ambiente de mais degradação pelas empresas capitalistas”. (Donwald Pressly) (*Mail & Guardian*, 17.04.2007)